



## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO JARDIM BOTÂNICO COM A OFICINA JANELA AMBIENTAL**

Maria Victória Cornélio <sup>1</sup>  
Francisco de Assis Justino de Lima <sup>2</sup>  
Rozeane Santos de Souza <sup>3</sup>  
Diego Adaylano Monteiro Rodrigues <sup>4</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A proximidade com a natureza vem criando espaços, tanto pela preservação/conservação ou pela destruição dela, o limite entre conservar/preservar para evitar a destruição vem de uma prática de educação ambiental ou não, como representa Fernando et. al (2004), a Educação Ambiental (EA) deve oferecer instrumentos para que a sociedade torne amplamente discutida e tome ações concretas em relação aos quesitos ambientais, sobretudo no âmbito das escolas de educação básica, para ter uma população, ao menos no futuro, consciente e educada para tais questões.

À luz de Layrargues e Lima (2014), a Educação Ambiental está diretamente relacionada com a noção de Campo Social, pois observando-a a partir desta noção percebe-se que ela é composta por uma diversidade de indivíduos e instituições sociais que compartilham e representam uma cultura, saberes, práticas, normas e propósitos comuns. Logo a noção de Campo Social orienta as ideias da Educação Ambiental e conseqüentemente da disputa entre as tendências deste campo.

Ademais, a ideia de Educação Ambiental surgiu no final do século XX, em um momento de crise ambiental, o qual fez com que o ser humano refletisse e adotasse práticas necessárias e capazes de diminuir os impactos ambientais. Entretanto, a visão de que a Educação Ambiental girava em torno das relações entre o indivíduo, a sociedade, a educação e a natureza, sendo multidimensional, gerou a necessidade de análises e aprofundamentos teóricos que tornou a Educação Ambiental muito complexa. Com isso, surgiram, gradualmente, as macrotendências político-pedagógicas da Educação Ambiental, sendo elas: a conservacionista, a pragmática e a

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal da Paraíba - (UFPB), [vitoriaria1986@hotmail.com](mailto:vitoriaria1986@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal da Paraíba - (UFPB), [franciscoasjustino@gmail.com](mailto:franciscoasjustino@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal da Paraíba - (UFPB), [rozeane\\_jp@hotmail.com](mailto:rozeane_jp@hotmail.com);

<sup>4</sup> Doutor em Educação (UFC), Professor adjunto na Universidade Federal da Paraíba - (UFPB), [diegoadaylano@gmail.com](mailto:diegoadaylano@gmail.com)

crítica. Entretanto, tem-se como objeto de estudo deste trabalho as macrotendências conservacionista e crítica (Layrargues; Lima, 2014).

Outrossim, a macrotendência conservacionista visualiza a Educação Ambiental como uma prática educativa que tem como objetivo despertar uma nova sensibilidade ambiental nos sujeitos, desenvolvendo-se a ideia do "conhecer para amar, amar para preservar", se baseando na ciência ecológica. Acredita-se que esta perspectiva teve grande influência da degradação dos ambientes naturais na época e pela falta de amadurecimento das ciências ambientais para melhor compreensão da complexidade das relações entre sociedade e natureza (Layrargues; Lima, 2014).

A macrotendência crítica abrange as correntes da Educação Ambiental Popular, Emancipatória e Transformadora, tendo como objetivo combater as desigualdades e injustiças socioambientais. Esta baseia-se na revisão crítica dos fundamentos de dominação do ser humano e do capital e surge em oposição a macrotendência conservacionista, assumindo, dessa forma, um forte viés sociológico e político, sendo introduzido conceitos como Educação Ambiental como Cidadania, Democracia, participação, Emancipação, Conflito, Justiça Ambiental e Transformação Social, os quais são necessários para o melhor desenvolvimento da Educação Ambiental (Layrargues; Lima, 2014). Dessa forma, esperava-se como resultado, a manifestação dessas macrotendências pelos participantes.

A educação ambiental está sendo consolidada como uma prática integrada de forma educativa, podendo ocorrer em diversos contextos e que pode oferecer uma contribuição para o processo educativo e ainda a função dos participantes na sociedade e formação de cidadãos com relação aos outros e ao meio ambiente Trivelato e Silva (2014).

Logo, o objetivo deste trabalho é relatar uma experiência de educação ambiental, através de uma oficina pedagógica que envolve contação de história com fantoches para crianças e produção de desenhos em um espaço não formal, o Jardim Botânico Benjamim Maranhão, localizado na cidade de João Pessoa no Estado da Paraíba.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

O enredo da atividade se deu através da adaptação da história do livro paradidático “Tem um cabelo na minha terra: uma história de minhoca” em que Larson (2005) conta através da perspectiva de uma família de minhocas, a história de uma donzela que amava a natureza e interagia com ela, entretanto a donzela não conhecia a natureza e agia conforme julgava certo, mas essas ações eram muito prejudiciais para alguns animais, como: matar uma serpente por

estar predando um rato, jogar um jabuti no lago por achar que era uma tartaruga e alimentar espécies exóticas. Ao final da história, narrada pelo "papai minhoco", fica a lição de moral de que precisamos conhecer a natureza para compreendê-la.

Ao se falar da contação de história, é sabido que esta é uma arte milenar convidando o espectador a leitura, atravessando o sentido e expressando o prazer, como a contação de história para as crianças as auxiliam a ampliar o vocabulário, desenvolvendo a confiança, o imaginário e o pensamento hipotético, Freitas e Araújo (2018).

A partir da leitura, do falar e da encenação de fantoches, o espectador acaba por adentrar no mundo da história por meio dos seus pensamentos, sendo capaz de responder criticamente ao que se está sendo contado, levantando sua própria perspectiva a respeito do enredo, como defende Abramovich (1991, p.17):

É ouvindo histórias que se pode sentir “também” emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve, toda amplitude e significâncias e verdade que cada uma faz ou não brotar [...], pois é ouvir, sentir e exercer com olhos do imaginário.

Assim, o presente trabalho visa se apoiar na visão que a oficina pedagógica é um mecanismo estimulante tanto para educadores como para educandos, independente do local em que for empregada, mas sendo necessário utilizar os mecanismos adequados, já que, segundo Vieira e Volquind (2002, p. 11), a oficina pedagógica se configura como

[...] uma forma de ensinar e aprender, mediante a realização de algo feito coletivamente. Salienta-se que oficina é uma modalidade de ação. Toda oficina necessita promover a investigação, a ação, a reflexão; combina o trabalho individual e a tarefa socializadora; garantir a unidade entre a teoria e a prática.

Dessa forma, a oficina aqui empregada utilizou-se de meios para despertar o senso crítico das crianças através da expressão em seus desenhos, elaborados após o teatro com fantoches, já que neles, puderam expressar a sua perspectiva do que foi contado, onde podemos analisar através do seu levantamento, se as crianças tiveram uma visão que se apoiasse na educação ambiental ou não, sem que interferisse nela até o momento de explicação da história (ao final de toda a oficina pedagógica), onde a personagem principal comete desvios implícitos de desastres ambientais.

A metodologia utilizada envolveu uma abordagem de expressão criativa e avaliação participativa. Nesse sentido, o teatro de fantoches foi a abordagem utilizada para tal, onde a personagem principal, criada para a peça teatral, foi uma donzela encantada que vive em uma floresta, ambiente similar ao que foi apresentada a peça.

Então, fomos ao Jardim Botânico no dia 20 de maio de 2023, o qual abre às 8h00 e chegamos por volta deste horário, visto que iríamos com antecedência organizar o espaço para realizar a oficina, pensando em possíveis imprevistos que poderiam porventura ocorrer, logo foi escolhido um local onde os guias do Jardim utilizam como apoio, o mesmo possui algumas janelas e uma delas serviu de base para apresentação, juntamente com o gramado ao lado, coberto com uma toalha, que serviu de local para os espectadores assistirem. Aguardamos a chegada de algumas crianças, e iniciamos as atividades às 9h20, com a presença de 5 crianças, com idades variando entre 5 à 10 anos. Foi feita uma breve apresentação do que iria ser realizado e demos início.

Durante a história, a personagem da donzela realizou diversas ações ambientais incorretas, no entanto, essas ações não foram relatadas como inapropriadas no primeiro momento, pois o objetivo foi estimular a reflexão e a criatividade das crianças. A fim de apreender a atenção das crianças, foram utilizados alguns objetos, comentários com intuito cômico e uma narradora. Para realizar a encenação foram utilizados 13 fantoches constituídos de Feltro com costura, já disponíveis do Jardim Botânico, e associados a eles, alguns animais como pássaro, sapo, rato e jabuti impressos e colados em palitos. Para incrementar no cenário foram utilizados galhos, cacto e uma pasta azul representando o lago. Além disso, para os desenhos foram disponibilizadas folhas A4 com lápis de pintar, hidrocor e giz de cera.

O Jardim Botânico nos possibilitou uma grande inserção com a natureza, e isso nos inspirou para a criação da história. Modificamos os animais da história original para inserir outros que estavam mais em nosso convívio e presente no espaço em questão, como a tartaruga pelo jabuti, ainda também inserimos a preguiça, que está constantemente na área, e substituímos esquilos presentes no texto por macacos, no intuito de adequar a história ao dia a dia das crianças, onde os mesmos poderiam se ver inseridos nela.

Após a apresentação, as crianças foram convidadas a refletir sobre as ações ambientais da donzela e expressar sua compreensão através de desenhos, e em seguida em uma roda de conversa sobre os temas abordados. Posteriormente, explanamos para as crianças a seguinte moral da história: Para amarmos a natureza e interagir com ela, precisamos antes conhecê-la, pois às vezes achamos que estamos ajudando-a, mas no final estamos prejudicando e causando problemas sérios e irreversíveis.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As crianças, participantes da oficina, apresentaram uma linha de raciocínio conservacionista, seguindo a linha de raciocínio de Layrargues e Lima (2014), sobretudo todas elas conseguiram identificar as ações inadequadas explanada na contação da história e explicar o motivo de terem classificado a ação como inapropriada.

Posteriormente, foi realizada uma roda de conversa para as crianças explicarem os seus desenhos e em algumas falas foram explícitas: a importância das relações ecológicas, a importância das plantas para a produção de oxigênio e respeito pelo habitat natural das espécies. Entre essas falas destacam-se: "Eu desenhei a princesa dando pipos para a preguiça, porque está errado. Não podemos dar essa comida para os animais. Também foi errado arrancar as flores", "Foi errado ela matar a cobra, porque pode causar um desequilíbrio na cadeia alimentar." Nenhum deles relatou que ela teria feito algo de bom e sempre fizeram a relação de aspectos sociais a naturais, desenvolvendo uma visão globalizante, como as problemáticas do texto.

Outrossim, observa-se que elas conseguiram estabelecer relações ecológicas e identificar ações que não devem ser reproduzidas, o que considera-se como uma percepção muito valiosa, tendo em vista a faixa etária dos participantes. Acrescenta-se que estas também apresentaram uma visão antropocêntrica quando reduziram a função das plantas à "produzir o ar que respiramos", além disso, não apresentaram associação com a política, sociedade e emancipação individual e coletiva, sem que houvesse uma orientação, como aponta a macrotendência conservacionista: esta refere-se a intervenção do comportamento individual em relação ao ambiente, baseada no pleito por uma mudança cultural que relativize o antropocentrismo, Layrargues e Lima (2014).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos que o emprego da oficina pedagógica é de grande importância para promover tanto o ensinar como o aprender, uma vez que, verificamos ter conseguido promover a reflexão, por meio do teatro com fantoches e fazer o levantamento das próprias percepções dos alunos. Além de terem percebido o que não devemos fazer quando entramos em contato com a natureza e com outros animais, eles conseguiram estabelecer conexões com suas vivências e ao final entenderam que precisamos conhecer a natureza para amá-la e cuidá-la, ao invés de agir com base em ideias do senso comum.

Sendo assim, conclui-se que a oficina permitiu que o aprendizado sobre educação ambiental fosse eficaz de forma lúdica. As crianças prestaram bastante atenção, conseguiram expressar sua opinião, o que foi de grande valor, pois cada uma teve seu momento de fala, e

aprenderam que é necessário obter conhecimento sobre as questões ambientais e as relações ecológicas para poder interagir com a natureza respeitosamente, também foi de cunho importante termos associado pontos do texto a questões do dia a dia deles, já que se viram mais inseridos ao meio.

**Palavras-chave:** Ensino de Ciências; Educação Ambiental; Espaço não formal.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1991. 17 p.

DE OLIVEIRA FREITAS, A. C.; DA SILVA SANTOS ARAÚJO, I. **PROJETO DE EXTENSÃO PIRILAMPOS: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM FANTOCHES**. Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 152-163, 2018.

LARSON, Gary. **Tem um cabelo na minha terra!: uma história de minhoca**. Companhia das Letrinhas, 2005.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **As macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira**. Ambiente & sociedade, v. 17, p. 23-40, 2014.

TRIVELATO, S. F.; SILVA, RLF. **Ensino de Ciências: Coleção Ideias em Ação**. São Paulo: CENGANGE Learning, 2014.

VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. **Oficinas de ensino? O quê? Por quê? Como?** 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SAÍSSE, Maryane V.; RUEDA, María Manuela. **Educação Ambiental em Jardins Botânicos: um caso brasileiro**. ambientalMENTEsustentable, ano III, vol. II, n. 6, 2008.